ANO 7.º — Sexta-feira, 16 de Outubro de 1914 — NUMERO 340

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Portugal e a guerra

Não oferece duvidas já: Portugal vai mobilisar o seu exercito que dentro em pouco terá de partir para o teatro da guerra a combater ao lado dos aliados contra as hostes teutonicas—assim no-lo dizem as ultimas informações de Lisboa.

Por mais de uma vez aqui nos manifestámos sobre este grâve e momentoso assunto, e dessa manifestação claramente se evidencia o conhecimento publico de quanto sentimos e pesâmos, defrontados com tão dura contingencia e doloroso sacrificio de gente e de dinheiro. Exige-o a lealdade e o cumprimento de tratados, da letra dos quaes resulta a nossa partilha na violenta luta agora travada?

Parece não haver duvida, por quanto informam os jornaes, seguramente habilitados a poder dize-lo, que o presidente do govêrno, na anunciada sessão extraordinaria do Congresso, que se realisará na semana proxima, fará a leitura do documento que encerra o apêlo da Inglaterra para que, sem demora, lhe seja prestado todo o nosso auxilio compativel com as nossas forças.

Emquanto este argumento, esmagador e irrespondivel, nos obriga a calar—por honra e por dever—a nossa condenação, mantem-se, como filhos duma nação culta, em pleno seculo XX, contra tudo que se prenda com a guerra e nomeadamente contra a furia insana de quantos, por motivos inconfessaveis ou por irresponsaveis impulsos, advogaram, num crescendo cruel, a nossa voluntaria partilha no conflito.

Mas... as cousas são o que são e a historia registrará mais uma vez nas suas paginas a cooperação do velho Portugal no campo da batalha, combatendo o despotismo representado agora nas legiões teutonicas, que, como titeres, evolucionam, matam e morrem, só pela vontade dum barbaro, que lhes chama os seus soldados, como se ele tudo fosse e tudo concretizasse na sua misera individualidade!

Além das centenas de lutas sustentadas na defêsa e pela independencia da nossa Patria ou a dentro da fronteira ou nas plagas africanas—*sobre a terra e sobre o mar*—escreve a historia a letras de oiro a parte por nós tomada ao lado tambem dos inglêses no desmoronamento do colossal poder desse gigante doido, que se chamou Napoleão Bonaparte, e que no seu sonho irrealisavel dum poder universal pensou esmagar o mundo!

De novo nos cabe igual missão. E assim, ao lado dos soldados inglêses, frios e impassiveis, fleugmaticos e inperturbaveis, ha-de, sem duvida, estabelecer um flagrante contraste, a bravura, o entusiasmo e a arremetida do soldado português cujas qualidades tanto o nobilitou e ergueu no espirito de Welington e de outros generaes desde a acção dos galuchos na batalha do Bussaco, até á conduta do exercito nas montanhas dos Pirineus.

Escrevemos—para que nega-lo?—esmagados pela pressão cruenta da terrivel realidade; o nosso espirito, abalado, antecipa-se ao momento da partida dos nossos queridos soldados, nossos irmãos de raça e de sangue: do artista, do operario, do camponez ingénuo e bom, generoso e docil, levados pelos azares do destino ao campo da batalha.

Entre o fragor da luta—que comovedora sensação!—ouvem-se palavras da nossa lingua traduzindo ordens, invetrando animo, ordenando o avanço cumprido num arranco formidavel que apaga a piedade congénita, a bondade reconhecida do povo português!

A guerra é isto!

Mas se assim tudo está convencionado—não póde o povo fugir ao seu triste destino nesta hora de amargura geral. Fugirá, sim, no dia em que todos os cidadãos de todas as nacionalidades soubérem o suficiente para compreenderem o horror e a iniquidade das guerras, porque então estas deixarão de existir passando á Historia, como uma simples designação da humanidade barbara.

Lá dizem alguns filosofos ser impossivel não haver guerras, porque dentro de cada homem ha uma bêsta-féra sempre pronta a expandir-se em manifestações sanguineas. E acrescentam: *Não negamos, nas tres quartas partes da humanidade, a superioridade do instituto sobre as faculdades espirituais; mas temos fé, pela instrução, pela educação e pelo amôr, no triunfo definitivo e perene da intelectualidade, sobre a materia, da bondade sobre os máus sentimentos que impulsionam os homens da atualidade. Para nós, do cataclismo presénte resultará um recúo de dois seculos no desenvolvimento da civilisação e do progresso humanos: mas das formidaveis e fumegantes ruinas das nações despedaçadas, brotará o rebento de uma humanidade melhor. Os povos compenetrar-se-hão, emfim, de que só a paz e a fraternidade pódem constituir a base da ventura terrestre e da harmonia universal. Desaparecerão as fronteiras, isto é, as patrias, que são a maior das calamidades humanas, e com élas as guerras estupidas, barbaras e crueis. O mal não será de todo extinto nos corações das creaturas racionais, mas o irresistivel impulso de fraternidade e de amôr arrancará das entranhas do homem a besta-féra de Le Dantec e de outros filosofos agoirentos. Na sua marcha ascencional e evolutiva, as gerações humanas teem um fim a atingir: o do maximo aperfeiçoamento moral e material, e um só caminho a percorrer: o da civilisação e do progresso mundiais, isto é, das liberdades publicas e das garantias individuais, bases da justiça e da ordem social. As guerras são ocasos na expansão luminosa e progressiva das sociedades humanas, motivadas pela ambição e pelo orgulho; porém, e por mais profundamente que élas abalem os alicerces da obra civilisadora, jámais conseguirão destrui-los.*

São crises pavorosas e tremendas, mais ou menos prolongadas, que provam o quanto a humanidade é organicamente miseravel e impotente a dominar as proprias paixões; mas o pensamento do homem, livre e purificado no ambiente das concepções espirituais, paira acima da putrefacção cadaverica dos campos de batalha, e da propria morte faz vibrar uma vida nova e consagrada pelas lições e pelos sofrimentos do passado.

Que ao menos estas palavras sirvam de linitivo e de esperança futura porque bem traduzem o sentimento que se apodéra da alma universal.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Films...

D. Manuel

Afinal o fugitivo da Ericeira deu o dito por não dito. Embora se tivésse oferecido ao rei de Inglaterra para combater no exercito dos aliados, D. Manuel declara agora que não fizéra tal e apenas se prestára a servir a causa da humanidade... na Cruz Vermelha.

Isto é que êle é valente... Nem o rei Alberto, da Belgica, lhe chega...

O sr. Alpoim

Bateu em retirada o correspondente do *Primeiro de Janeiro* em Lisboa, porque alguns jornaes democraticos, especialmente do Porto, o teem atacado, entrando-lhe até na gôta, por causa dos seus artigos sobre a guerra e a atitude de Portugal. Assim o declara aos seus leitores o sr. Alpoim, que, como se sabe, aderiu á Republica e não se cança de apregoar os seus sentimentos liberaes, o seu amor á França, os seus desejos pela derrota da Alemanha, etc., etc.

Só tem um defeito o sr. Alpoim: não se saber quando é sincéro. De resto escreve muito bem...

Mas que lábia!...

Com o titulo—*Liceu de Aveiro*—encontra-se no orgão dos *pardos* da Vera Cruz, ultimo numero, a seguinte local:

«Por despacho recente, que a sua não aceitação impediu de publicar-se, foi colocado num dos liceus do Porto o sr. dr. Luiz de Brito Guimarães, ilustre presidente do Senado aveirense.

A recusa do esclarecido professor em aceitar o logar ali, é um serviço ao liceu nacional désta cidade, onde sua ex.ª, como toda a gente, reconhece que é preciso. Com a sua competencia, a sua cultura, o seu zêlo pelos serviços publicos e o conhecimento que tem das coisas cujo ensino ministra com tão reconhecida elevação, sería para o liceu de Aveiro um prejuizo a sua mudança.

Sentil-a-iam os seus colégas os seus alunos, a cidade inteira.

Folgamos, pois, com a sua resolução, e felicitamos os interessados.»

Este é dos taes elogios que fazem ruborisar um tomate ainda em verde... Tão completo o articulista se mostra na arte de engraxar.

Ontem e hoje

Jornaes que sempre vimos na brecha pelo ideial que a bandeira verde-rubra representa no nosso país, notam, de vez em quando, que ha um grande esmorecimento, por causas várias, no antigo ardor republicano, como se isso fosse de admirar em face das constantes afrontas que os velhos combatentes veem sofrendo dos poderes centraes.

Nunca julgámos o tal. Mas ao que vêmos e ouvimos estamos desconfiados que a *cordealidade* hade ter um termo.

E não demorará muito...

Uma infamia

Estivéram em Aveiro na semana finda dois oficiaes do exercito, vindos de Lisboa, para indagarem sobre um caso de conspiração monarquica na praia do Farol de que foi dado conhecimento ao ministério da Guerra não se sabe por quem. Os referidos oficiaes ouviram, entre outras pessoas, os srs. dr. Alexandre José da Fonseca, em casa de quem, segundo a participação, se efectuavam as reuniões, o sr. Francisco Regala, o sr. Pascoal de Quintanilha, secretario de Finanças, um capitão e um major, concluindo por encerrar o auto de averiguações apenas se capacitaram da inexatidão da denuncia cuja responsabilidade é pena não poder ser exigida ao *republicano* abelhudo para que marcado ficasse com o ferrête da sua vil acção.

E' que a nós já nos encomoda tanta dedicação pelo regimen partida de salafrarios capazes de tudo inventarem... para o comprometer. Porque nunca esses, que se servem do anonimato para encobrir a sua torpêsa, a sua traição ao fazerem denuncias fantasticas com a plena convicção de que cometem a maior das infamias, poderão justificar-se perante a propria consciencia e perante os que querem uma Republica sã, sem injustiças ou acintosas perseguições, como no caso presente. Que ganharia a relissima creatura da Barra em participar um facto que não era verdadeiro? A estima dos republicanos? Não, que esses não são solidarios com taes processos de *engrandecimento* do regimen. Mas alguma coisa teve em vista o famigerado malandrim. Como despeitado, talvez por não ter entrada nas reuniões familiares dadas pelo sr. dr. Alexandre da Fonseca, o pulha prometeu vingar-se e vingou-se. Eis tudo. Não póde ter sido outro o motivo que o levou a mostrar tanta baixêsa de sentimentos com a qual nós, os republicanos de sempre, nada temos nem queremos ter.

Conferencia pedagogica

Tendo a Inspecção do Circulo Escolar de Aveiro resolvido promover uma série de conferencias pedagogicas tendentes a melhor orientar os seus professores no ensino a ministrar ás creanças, somos informados que a primeira déssas lições se efectuará no proximo domingo, pelas 14 horas, no Teatro Aveirense, estando confiada a missão de as iniciar ao sr. dr. Augusto Alves dos Santos, ilustre professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Louvâmos a lembrança do sr. Domingos Cerqueira que é, na verdade, dum grande alcance e utilidade.

PROMOÇÕES

Foi ha dias promovido a juiz e colocado em Mossamedes, o nosso amigo dr. Arnaldo Vidal, que em S. Tomé desempenhava as funções de delegado do Procurador da Republica.

=Tambem foi promovido a capitão, indo ocupar no regimento de infanteria 28, aquartelado em Agueda, esse honroso cargo, o sr. Antonio de Moraes Machado, que nésta cidade gosa de geraes simpatias quer na classe a que pertence quer entre os seus conterraneos, no numero dos quaes nos contâmos.

A ambos, sincéros parabens.

A hora grande vai chegar!...

Pátria minha gostosa, quem não ha-de,
Em risonho sabor, vida e fortuna
Dar por teu livramento e magestade!

GUERRA JUNQUEIRO

«Estâmos nas vesperas. As tropas portuguêsas vão enfileirar na grande batalha, sendo-lhes dada a sorte feliz de se baterem pela civilisação.

Deu-se o que estava previsto. A Inglaterra pede o nosso auxilio, reclama a nossa cooperação na guerra. Desde todo o começo que á sombra dos tratados, ela prometeu defender-nos. Agora, igualmente á sombra dos tratados, a Inglaterra convida-nos a combater ao seu lado, cedendo-nos um pedaço do territorio, onde se projecta a sombra da sua bandeira, para defendermos a liberdade.

A promessa da Inglaterra foi cumprida, porque ainda, nem um só momento deixaram de rondar pelas nossas costas os seus formidaveis couraçados. Nós que declarámos, no dia 7 de agosto, na historica sessão do congresso, avivando velhos factos, seguir a sorte da Grã-Bretanha, solidarizando-nos com ela, vamos agora, lealmente, satisfazer o nosso compromisso. A fé dos contratos está assegurada de parte a parte. Ha uma lisura mutua garantindo as condições dos tratados.

Bastava esta circunstancia, para não serem licitas reflexões, nem legitimas quaesquer duvidas que se levantassem sobre a nossa atitude.

Está tudo em dia e regular. Vamos queimar polvora pela Inglaterra, que polvora está já queimando por nós.

O nosso coração sente-se desopresso, porque está dentro das regras leais do cumprimento de um compromisso juridico e moral. Qualquer voz que se levantasse rompendo a concordancia geral, era a voz de um criminoso ou de um louco, que viria atraiçoar, ou inconscientemente malsinar os destinos da nacionalidade.

. . . .

Haverá dôres, haverá lagrimas? Lá diz o poeta que é a *Dôr que liberta a creatura.* As mães portuguêsas teem um coração amantissimo, mas dele não jorra amor mais puro e perfeito do que do coração das mães inglêsas, francêsas e belgas, sobretudo destas ultimas, que, vendo o lar desfeito, os cadaveres cobrindo o solo, os campos talados, nem sequer lhes é permitido fugir com as creanças nos braços pelos campos desertos, porque invasores lhas espétam nas boionetas sem piedade, ou as obrigam a morrer de fome como aves caídas do ninho.

Pois todas essas mães carinhosas e ternas incitam os filhos, já homens, e os maridos, que ainda são válidos, a que se atirem á fornalha medonha a vêr se a Belgica se salva, a vêr se a patria não morre.

Mães portuguêsas! Reparai na missão que vai caber aos vossos filhos. Atentai nos altos destinos para que o vosso ventre foi fadado quando a natureza lhe deu a incumbencia de gerar estes novos soldados da liberdade. Eles vão bater-se na terra estranha, mas de facto eles vão bater-se pela propria terra. Eles vão ser, a distancia, os guardiões da patria. Eles vão ser os defensores antecipados do solo natal. Se eles não fossem, nós não podiamos aguentar a situação internacional que atualmente sustentâmos e ficariâmos para aqui abandonados e indefezos, sujeitos á furia dos invasores. Para os vossos filhos ainda creanças continuarem a dormir socegados no berço, é indispensavel que os vossos filhos já homens vão para o campo da batalha, onde entre faixas dolorosas se estão creando um novo Direito e uma nova Justiça.

O que se passa hoje é de todos os tempos, mães lusitanas. Antigamente os portuguêses iam em galeras, que as estrelas guiavam, buscar o oiro e o ébano, perolas de Malaca e de Ceilão, ou simplesmente ás espadeiradas, em Arzila e em Tanger, conquistadores ou fronteiros, afirmar poderios, manter privilegios.

Hoje os portuguêses, ainda de espada e de lança, já não vão em náus, com vélas cortadas pela cruz e pela esféra, á busca de riquezas, de sonhos grandes e delirantes, que foram epopeias famosas e quiméricas. Ah! Mas eles vão buscar uma riqueza maior, mais deslumbrante e mais augusta; vão buscar a garantia dos destinos da nossa raça, vão buscar um quinhão, que chegue para nós, da liberdade dos povos, um pedaço, que nos seja bastante, da autonomia das pátrias.

Mães portuguêsas! Beijai os vossos filhos; incuti-lhes animo, fé e coragem, e incitai-os a que vão batalhar por esta nossa patria,—

a mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz de luar viram
ainda!»

Assim se exprime, num dos ultimos numeros do seu jornal, o sr. Antonio José de Almeida, cuja opinião sobre o envio de tropas portuguêsas para o teatro da guerra era, ainda ha pouco, de que élas deviam ir, *mas sendo preciso.*

Confirmando-se, como se confirma, que a Inglaterra solicitou o nosso auxilio, o sr. Antonio José de Almeida apéla agora para as mães portuguêsas e fa-lo com um sentimento tão grande, em periodos de tal modo repassados de intenso patriotismo, que o não podemos deixar de acompanhar e com êle, neste momento, repetir:

— Mulheres portuguêsas! Mães! Cooperae com a Patria na conquista da paz, que surgirá no dia em que a Alemanha fôr vencida, aniquilada. Dái animo aos vossos filhos. Inspirae-os no caminho do dever. Assim tereis cumprido a vossa nobre missão e outorgado ao mundo um exemplo que o futuro vos saberá reconhecer.

O TEMPO

Depois duma grande estíagem viéram agora as chuvas pelas quaes os lavradores tanto almejavam.

Por virtude délas as marinhas acham-se por completo alagadas, terminando por este ano a safra do sal bastante prolungada devido á feição do tempo.

A reacção em fóco

Uma ordem que, a confirmar-se, merece a atenção dos liberaes

Por aquilo que neste jornal tem publicado o nosso colaborador de Oliveira de Azemeis, dr. Lopes de Oliveira, sabe-se que os reaccionarios da terra, não obstante a perseguição que teem feito ao padre Manuel Serodio, levaram o seu rancor até ao ponto de o não deixar casar catolicamente, fechando-lhe as portas da egreja e, o que é mais, preparando-se para atentar contra a vida daqueles dos seus amigos por ele convidados para assistirem á cerimonia.

Pois agora um novo aspecto tomou a questão: diz-se, não sabemos com que fundamento, que o sr. ministro da Justiça é que proíbiu o casamento religioso do padre Serodio, mancomunando-se desta sorte com os reaccionarios de Oliveira de Azemeis que se opõem aos desejos do sacerdote, mil vezes mais respeitavel do que quantos colégas existem em escandalosa mancebia. Pelo menos é o que se infére das noticias dos jornaes e ainda das seguintes linhas dirigidas ao referido titular e tornadas publicas pelo reverendo Camilo de Oliveira, testemunha ocular dos acontecimentos de Oliveira de Azemeis:

Não sei ainda até que ponto é verdadeira a informação dada pelos jornaes de que o sr. ministro da Justiça participára ao administrador do concelho de Azemeis que proíbisse o casamento religioso dum padre daquela terra, o qual depois de ter casado civilmente desejava ratificar tambem pela egreja esse enlace. Se tal é, eu tenho de acreditar duas coisas que não sabia—que o ministro da Justiça exerce as funções de ministro do Interior e que ele é o bispo ou papa da egreja catolica, unico superior eclesiastico numa Republica que está separada da mesma egreja pela lei de 20 de abril de 1911. Isto é o que tenho de concluir, bem contra todas as leis do país, a ser verdade o que dizem os jornaes.

Mas vamos por partes.

Um padre quer casar, como qualquer cidadão? Quem o impedirá disso? A lei? Não. O art. 1.º da lei citada diz: *A Republica reconhece e garante a plena liberdade de consciencia a todos os cidadãos portuguêses e ainda aos estrangeiros que habitarem o territorio português.* No art. 2.º vê-se que religião catolica apostolica romana *deixou de ser a religião do Estado* e afirma ainda a lei nesse mesmo art. que *todas as egrejas ou confissões religiosas são igualmente autorisadas*, como legitimas agremiações particulares.

E para se perceber bem a latitude da liberdade religiosa, o art. 3.º prescreve que dentro da Republica *ninguem póde ser perseguido por motivo de religião nem perguntado por autoridade alguma ácêrca da religião que professa.*

Estas determinações abrangem todos os cidadãos, padres ou não padres. E' até condenado á pena de prisão correcional até 1 ano e na multa, conforme a sua renda, de tres mezes a dois anos, aquele que *por actos de violencia perturbar ou tentar impedir o exercicio legitimo do culto de qualquer religião.*

O art. 13.º corrobora claramente esta doutrina, determinando as penas de multa aplicadas áquele que, por violencia ou ameaça, procurar determinar outrem a contribuir ou a abster-se de contribuir para as despezas do culto. Este culto (art. 43.º) não depende de prévia autorisação, desde que seja exercido nos logares a isso habitualmente destinados; e o funcionario administrativo ou judicial póde assistir *para manter a ordem*, mas não póde embaraçar ou intervir (salvo o caso de tumulto) na cerimonia cultual (art. 47.º).

Em Oliveira de Azemeis o padre não chegou sequer a ir á egreja; não se deu pois o tumulto de que fala a lei; e a dar-se o tumulto ele sería provocado pelos reaccionarios para acintosamente inutilisarem os desejos do padre-noivo. Eu vi. Eu presenciei o que estou a expôr a v. ex.ª; e como eu queria tomar parte na festa religiosa, fui lá no pleno direito de assistir a actos de culto. Eu sei que o padre póde casar. E' bem claro o art.º 150 da lei que diz: *Em especial se a perda ou suspensão de funções eclesiasticas resultar do facto de o ministro da religião* ter contraído ou contraír o seu casamento, *a pensão não será por esse motivo negada, nem suspensa, reduzida ou extinta.* O padre, portanto, como qualquer cidadão, póde casar.

Corrobora este art. o disposto do art. 152.º e seus 6 paragrafos. Isto é o que diz a lei.

Nada tem o Estado com as disposições canonicas de qualquer religião. Portanto o Estado tem o dever de acatar a liberdade individual de consciencia religiosa e manter a ordem publica no exercicio de qualquer culto, tornando-se, porém, indiferente aos dogmas ou prescrições disciplinares de qualquer seita religiosa. Mas o padre quiz casar dentro da egreja, que é edificio do Estado, e não o permite o sr. ministro da Justiça, como o não permitiria o sr. bispo de Beja?! Ele, se realisou o casamento civil, que é o unico válido e necessário perante a sociedade portuguêsa, não podia ser estorvado de ir a uma egreja realisar a cerimonia religiosa desse consorcio. E porque não foi lá ele? Não foi lá, porque a seita jesuitica trabalhou á socapa para que o administrador dessa terra não o consentisse. Esta autoridade ausentou-se, nesse dia, da área das suas funções. O regedor não quiz cumprir com a sua obrigação na manutenção da ordem; a junta de paroquia, á qual estão confiados os bens e a guarda da egreja, negou a chave da porta do templo. Mais tarde, um mez quasi, o padre tentou pela segunda vez, casar-se. Então o administrador tinha pedido licença, por um cérto tempo, de exercer o seu cargo, que foi recaír no presidente da Câmara. Este, com o amor pela Republica e compreensão da Lei da Separação que é facil de se calcular, esteve em continuas *démarches* telegraficas com o sr. governador civil de Aveiro, como se a lei não fosse clara nas atribuições que lhe confére. Este substituto da autoridade deixou ficar pelas ruas da amargura o prestigio do regimen republicano neste lance, em que havemos de concluir que ou houve covardia ou traição á Republica; covardia, se teve mêdo de manter a ordem, caso ela fosse alterada; traição, se pactuando com os inimigos da Republica, lhes satisfez os desejos calcando aos pés a lei da Separação. Não ha mesmo a fugir deste doloroso dilêma. V. ex.ª, sr. ministro, tem muitas testemunhas do que eu afirmo. Só eu apresentarei a v. ex.ª onze testemunhas do que aqui lhe asseguro. O povoleu, armado de cacetes e não sei se de mais alguma coisa, arregimentado pela clericalha, á frente da qual esteve, pela cérta, o abade da freguezia, aglomerou-se junto ao pôsto do registo civil para quebrar o trem em que fossem os noivos!

E o sr. administrador substituto, sabendo disto, pois esteve no local, não se dignou mandar dispersar os carneiros de sacristia nem protegeu os noivos que se viram obrigados a realisar o casamento na casa da noiva!

Isto deu-se para gaudio dessa infame canalha de corôa de barbeiro que vegeta nesta pobre terra de conventos e bentinhos, para engorda de feiticeiros e padres.

Padre Camilo de Oliveira

P. S.—A junta de paroquia respondeu a um oficio do padre-nubente que lhe pedia a cedencia da chave da egreja para realisar o casamento, nos seguintes termos interrogativos:

1.º—E' ou não pensionista?

2.º—O nubente é presbitero?

Por onde se vê que um concilio de cardeaes não desempenharia melhor o papel!...

C. O.

O que aí fica é suficientemente elucidativo para que não possa haver duvidas ácêrca do procedimento das autoridades.

E' uma conivencia pegáda com os inimigos da Republica. Só estes são atendidos, só estes gosam das bôas graças dos govêrnos. Pois bem: oxalá que um dia se não arrependam os verdadeiros responsaveis por tanta tropelia como as que se veem praticando por esse país fóra.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

O JOGO

Agora sim; agora é que vão ser élas. Tremam os jogadores, trema o banqueiro, trema a béla sociedade que sómente no jogo vê a fortuna, o oiro embriagante. Pelo ministério do Interior foi esta semana expedida a todos os governadores civis a seguinte circular:

O ex.mo ministro do interior encarrega-me de lembrar a v. ex.ª a doutrina da circular de 27 de julho ultimo, na qual foi recomendada a mais rigorosa observancia das leis que proíbem o jogo. Deve, portanto, v. ex.ª pôr em acção todos os meios preventivos e repressivos para que as leis sejam cumpridas, no intuito moralisador de evitar que a população procure receitas no vicio do jogo, em prejuizo do trabalho metodico, que só êle engrandece os povos.

Que irá acontecer? Fecharão efectivamente as casas de jôgo? Encerrar-se-ão os lupanares que, contra as leis do país, se encontram escancarados e onde tantos vão buscar a ruina, a miseria, a desgraça emfim?

Vê-lo-êmos. Como ainda no ultimo numero dissémos, na praia do Farol, que este ano têve a honra de receber em seu seio o sr. governador civil de Aveiro, durante a época balnear, tem-se jogado a rolêta e o monte na propria assembleia, que é edificio do Estado. A tal doutrina da circular de 27 de Julho findo se o sr. dr. Augusto Gil viu, nem troco.

Até parece que sua ex.ª só veio para aqui comprometer as instituições e nada mais. Os casos recentes de Esgueira e Oliveira de Azemeis atestam-no.

Em Vagos a autoridade administrativa, mancomunada com os padres rebeldes, permite-lhes todas as afrontas ás leis da Republica e o sr. dr. Gil mudo e quedo, como um penedo, não trata de sacudir esse seu subordinado para onde... não faça perca. Mas vamos ao jogo. E' necessario que êle acabe porque já muito tem durado. Cumpra-se a lei. Mostre o govêrno, mostrem as autoridades que este regimen se não eguala ao que baqueou em 5 de Outubro de 1910 e que as leis se fizeram para serem observadas. De contrario não ha coerencia e onde não ha coerencia não ha respeito, não póde haver força para coíbir abusos ou altivez para impôr consideração.

Somos hoje o que fomos ontem; de aí este modo rude de falar sem temôr por que nos apodem de... indisciplinados.

Vá e quanto antes, sr. dr. Augusto Gil, faça cumprir a lei.

Novas inspecções militares

Está confirmado que o sr. ministro da guerra, tendo conhecimento, pela imprensa, do protecionismo dispensado nas juntas de inspecção do recrutamento, vai ordenar, se é que ainda não ordenou, que os mancebos isentos sejam imediatamente submetidos a nova inspecção para o que se terão de apresentar nos prasos legaes onde lhes fôr indicado.

Com efeito as reclamações eram em tão elevado numero, as queixas de injustiças praticadas, tão gràves, que outra não podia ser a atitude do sr. ministro da guerra a não querer tambem partilhar do escandalo que se estende dum estremo ao outro do país e em que se acham envolvidas creaturas pouco escrupulosas apezar da situação que disfrutam, da responsabilidade que sobre elas pésa

Quando foi decretada a nova lei do recrutamento creando o serviço militar obrigatorio julgávamos nós e supunha toda a gente que, de futuro, não haveria distinções de classes no exercito e que nas fileiras se encontrariam o rico com o pobre, o ilustrado com o analfabeto, o humilde com o favorecido. Puro engano. Os favorecidos continuaram sempre a se-lo e o aldeão, o proletario, o pária, emfim, que não tem um ceitil, que ganha para comer, que sacrifica a saude a trabalhar, é que vai pagar o seu tributo á Patria porque não é do mesmo sangue dos outros que teem dinheiro para corromper consciencias comprando a justiça.

Póde isto ser? Póde isto tolerar-se em plena vigencia da Republica? Póde o serviço militar continuar a ser sómente *obrigatorio* para os pobres e os que não dispõem de protecção? Não, não póde. Urge portanto que a nova inspecção se faça, mas que atinja os mancebos de ha uns poucos de anos a esta parte afim de se verificar até que ponto são verdadeiras as queixas que de todos os cantos surgem direitas ás juntas que não cumpriram os seus deveres e justiça seja finalmente distribuida a quem a merecer, sem favor nem pressões de qualquer naturêsa.

Basta de pouca vergonha. E para o futuro tomem-se medidas rigorosas para coíbir os abusos porque só assim se prestigiam as instituições e o povo se mostrará satisfeito com o advento da Republica.

No Brazil

Mão amiga envia-nos de Santos, E. U. do Brazil, alguns numeros do jornal *A Tribuna* em que é justamente castigado o procedimento do vice-consul português que nenhuma atenção presta aos membros da colonia antes trata com o maior despréso aqueles que, de humilde condição social, se lhe acercam a solicitar protecção, como sucedeu o mez passado a um nosso compatriota de nome Manuel Antonio Seixas. Segundo o aludido periodico este pobre homem foi tão rudemente maltratado quando do representante do seu país solicitava auxilio para se repatriar em virtude da miseria com que se vê a braços, que não ha palavras proprias para estigmatisar o procedimento incorretissimo da autoridade consular sobre quem gràves responsabilidades impendem de não cumprir, sequer, com os seus deveres humanitarios.

A *Tribuna* verbéra com aspерêsa o procedimento do vice consul dizendo que *não é com grosserias, com frases de baixo calão, que se recebe, no consulado, um compatriota que vai formular um pedido* E tem razão. A'quilo que vemos atribuido ao representante de Portugal em Santos ainda é pouco o que a *Tribuna* diz do alcreve que ali indevidamente se acha só para comprometer o nome duma nacionalidade que lhe devia merecer mais respeito do que aquele com que a honra no cargo que desempenha.

Pela nossa parte póde contar a *Tribuna* que não só a aplaudimos como estâmos dispostos a levar mais longe o nosso protésto contra a permanencia do truculento funcionario em Santos, se isso fôr preciso.

Junta Geral do Distrito

Sob a presidencia do sr. dr. Antonio Maria Marques da Costa, secretariádo por Arnaldo Ribeiro e assistencia dos vogaes, dr. Eugenio Sampaio Duarte, dr. Elisio Sucena e dr. Samuel Maia, reuniu, no sabado, a Comissão Executiva da Junta Geral, resolvendo:

aprovar o orçamento ordinário para o ano de 1914-1915 da irmandade de N. S. do Rosario, freguezia de Maceda, concelho de Ovar;

aprovar as contas das irmandades do Santissimo, de Oliveira de Azemeis, do ano economico de 1912-1913; das Almas, do Santissimo e Senhora do Rosario, da freguezia de Eixo, concelho de Aveiro e do hospital-asilo de N. S.ª da Saude, da freguezia de Oleiros, concelho da Vila da Feira, correspondentes ao ano de 1913-1914;

admitir na secção feminina seis creanças pertencentes uma ao concelho de Ovar, outra ao da Feira, outra ao de Albergaria-a-Velha e tres ao de Aveiro e na secção masculina cinco pertencentes duas ao concelho de Arouca, uma ao de Sever do Vouga e duas ao de Oliveira de Azemeis.

Autorisou vários pagamentos na importancia de 548$56 distribuindo-se por fim, para julgamento, alguns procéssos de contas que devem entrar na sessão de ámanhã.

VELIGIATURA

No seu magnifico automovel *Minerva*, foi ha dias a Cabaços, distrito de Coimbra, o nosso velho amigo José de Souza Lopes, recentemente chegado de Africa, que teve por parte da população da pitoresca aldeia uma festiva e estrondosa recepção *espontanea*, préviamente organisada pelo seu intimo amigo e companheiro sr. Bernardino Alves Corrêa.

Houve musica, foguetes, e vivas não faltando um magnifico tercêto musical muito semelhante ao do *maestro* Venancio que este ano fez as delicias dos banhistas da Costa Nova, no numero dos quaes tambem se conta o sr. Alves Corrêa, ora prestes a retirar.

Sabemos que o amigo José Lopes ficou altamente penhorado com a maneira gentil como o receberam em Cabaços, apesar de nunca o terem visto mais gordo, não se lhe dando de realisar uma nova visita mas quando tenha a certêsa de que lhe não será dispensada outra manifestação... *bernardinacea*...

Notas mundanas

Teve o seu bom sucésso dando á luz com muito felicidade uma creança do sexo masculino a esposa do sr. José Ferreira Malaquias, conceituado negociante da praça de Ovar.

Parabens.

= Consorciou-se em S. João da Madeira com a sr.ª D. Eulalia da Mota Gomes o sr. Zulmiro dos Santos assistindo ao acto, tanto civil como religioso, apenas pessoas da familia dos noivos.

Estes partiram para o Bussaco onde foram passar a lua de mel.

Infindas venturas.

= Regressou de Cêpos a esta cidade o sr. Julio Martins de Almeida, professor da Escola Normal.

= Esteve em Aveiro, distinguindo-nos com a sua visita, o sr. Augusto Costa, socio da importante Casa Costas, *da Quinta Nova, Oliveira do Bairro.*

= Continua bastante enfermo o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

= Retirou para a sua casa do Pragal, com sua esposa, o sr. João da Rosa Lima, nosso couterraneo, que veio de visita aos seus.

= Deixou a Costa Nova seguindo já para Vieira do Minho onde exerce as funções de escrivão de direito, o nosso amigo sr. Antonio dos Santos Victor e sua esposa.

= Tambem por ter acabado a sua vilegiatura pelo norte, recolheu a Alcanena o habil advogado, dr. Joaquim Silveira.

O 5 de Outubro em Arada

Tambem na proxima freguezia a que pertence o logar de Verdemilho foi festejado, com entusiasmo, o aniversário da Republica, embandeirando e iluminando os centros democraticos as suas fachadas, por deliberação dos seus associados, que ainda durante o dia fizéram subir ao ar grande copia de foguetes em diversos pontos daquélas localidades.

Para o ano, se a guerra estiver terminada e a paz européa se encontrar assegurada, pensam os nossos correligionarios fazer grandes festas em egual data, pelo que ardentemente anciamos que vejam realisados os seus desejos.

MATRICULAS

Uma noticia importante ultimamente publicada no *Camaleão* é a de que *terminou o praso legal para a matricula ordinaria do liceu, tendo diminuido a concorrencia, que é inferior á do ano passado, para o que muito concorreu o aumento das despêsas com a matricula.*

Quem informa o *Bichêsa* déstas coisas, não sabemos. A verdade, porém, manda que se diga que a frequencia deste ano, no liceu, não só é já superior á do ano passado como se espera que ainda aumente com as transferencias de alunos que sempre se dão doutros liceus para aqui durante a época escolar, o que é registado com desvanecimento. Não quer, todavia, o *Bichêsa* que seja assim? Tenha paciencia. E para amarrar os que da imprensa se servem para escrever só o que lhes parece sem respeito algum pela verdade, aqui fica exarado o numero exato de estudantes que no ano lectivo findo se matricularam, **215**, e o deste ano, **238**, assim distribuidos por classes:

1.ª classe,	1.ª turma. . . .	37
1.ª »	2.ª »	37
2.ª »	. . . .	49
3.ª »	1.ª turma. . . .	28
3.ª »	2.ª »	29
4.ª »	. . . .	29
5.ª »	. . . .	24
	Total. . . .	233

Os asnos nem sequer mentem com habilidade.

Reforma da policia

—=(*)=—

Agora que o govêrno parece estar resolvido a tomar a sério este momentoso assunto, não será ocasião do sr. governador civil empregar os meios ao seu alcance para conseguir que este distrito seja dotado com um corpo de policia á altura? O que existe sabe muito bem o sr. dr. Augusto Gil que não presta, por deficiente. O numero de guardas é limitadissimo e além disso com um ordenado tão exiguo que, francamente, não se póde exigir déles mais serviço do que aquele que fazem, excedendo muitas vezes o limite do razoavel.

Bem sabemos que, por acinte ao antigo republicano que é o atual comissario, uma gazeta existe, tão réles como o seu principal escrevinhador, que avalia a corporação pelo que ela tem de menos condenavel levando o seu descôco ao ponto de censurar o sr. comissario por este não ir ás romarias cujo policiamento não é da sua competencia, mas sim da autoridade administrativa dos concelhos onde elas se realisam. Sabemos mais que a mesma *democratica* folha nunca teve a nortea-la outro guia que não fosse o sordido interesse, quer venha directamente quer por linhas travéssas, consoante as circunstancias. Pois é preciso proclama-lo alto para que se ouça: a policia faz mais serviço do que se imagina; não se vê nas ruas, é cérto, a policia-las, mas no entretanto trabalha em investigações que sempre é serviço mais pesado do que levar o tempo a... escrever asneiras. E o comissario cumpre tambem com os deveres do seu cargo. Nem outra coisa lhe sería admitido pelo sr. governador civil, nem nós o defenderiâmos das picadélas venenosas dos histriões se disso não estivéssemos capacitados.

Faltam-lhe elementos para ir mais longe; a culpa não é dêle, que muito faz, mas do poder central que ainda lhos não deu nem aos seus antecessores posto que tenham sido constantemente reclamados.

O projecto de reforma está concluido. Resta só que haja alguem que se interesse por êle, que o mesmo é dizer por esta malfadada terra onde tudo se critíca sem conhecimento de causa quando não com a malicia propria de verdadeiros degenerados.

PELA IMPRENSA

O Combate—Concluiu o 10.º ano de existencia o brilhante semanário que se publíca na Guarda e é orgão do Partido Republicano Pórtuguês no distrito.

Dirigido por um talentoso jornalista, que de longa data conhecemos sempre na brécha pela democracia, o *Combate* tornou-se, mercê da sua inabalavel firmêsa, um verdadeiro baluarte da Republica que nós muito admirâmos, seguindo, com interesse, a prodigiosa obra de Josè Augusto de Castro constantemente em luta, sem vacilar um momento, e atravez de todas as vicissitudes, pelo completo triunfo do ideal redentor que teve a sua consagração em 5 de Outubro de 1910.

Saudando o *Combate*, é com a maior satisfação que o vemos declarar que continua *na vigilancia contra todos os manejos traiçoeiros, contra todas as emboscadas, contra todos os anceios com que se pretende destruir ou, pelo menos, deprimir e despretigiar os republicanos mais dedicados e mais decididos, deprimir, despretigiar e corromper a Republica*, pois nem outro podia ser o caminho do vigoroso jornal de José Augusto de Castro a quem tambem estreitâmos num apertado abraço de leal camaradagem.

= **O Concelho de Estarreja**—Egualmente entrou no seu 14.º ano este semanario de Pardilhó.

Os nossos parabens.

=**A Escola Moderna**—Intitula-se assim um novo jornal aveirense cujo primeiro numero saíu no dia 13, aniversário do fusilamento de Ferrer, em Espanha.

E' quinzenal e propõe-se defender a doutrina que levou ao sacrificio da propria vida o talentoso propagandista das ideias sociaes.

= **O Torneio**—Vae ser brévemente lançado o primeiro numero de um despretencioso jornal, destinado exclusivamente a acolher e a dar publicidade ás produções literarias dos que sentem vocação para escrever e não encontram campo apropriado para experimentar as suas forças ou desevolver as suas aptidões.

O escritor incipiente anceia e receia abalançar-se a enfrentar o publico, temendo fraquejar e ser esmagado nas primeiras tentativas que fizer para expôr a sua obra, que mesmo por muito trabalhada que seja, nunca deixa de apresentar indecisões que só a prática consegue vencer. Uma vez porém, liberto da preocupação de entrar em um meio que pouco antes lhe era inteiramente desconhecido, perdido o acanhamento e a timidez abalança-se a ascender a uma esféra mais elevada, onde já póde fazer-se notado e, se tivér talento, progredir, progredir sempre até adquirir um nome que o imponha á atenção do publico. Foi assim que tambem fizéram nome os vultos consagrados de todas as literaturas. As suas primeiras obras surpreendem, se as compararmos com o trabalho modelar que chegaram a produzir quando o habito de escrever os tornou senhores de si.

O Torneio, além de um escrinio de esperanças dos que começam, será uma arena em que, muito á sua vontade e como que em familia todos poderão terçar as suas pennas, habilitando-se para entrar em lutas de que sáiam vitoriosas as suas armas e glorificado o seu ideal.

A'queles dos nossos leitores a quem seja simpatica a ideia do lançamento de um jornal nos moldes do exposto, pede-se a gentileza de comunicar a sua adesão a Correia de Faria, Kiosque de Campanhã—Porto.

Necrología

—(*)—

DR. FRANCISCO MARQUES DE MOURA

Finou-se no sábado, em Ilhavo, vila proxima, da qual por largos anos fez sua terra adoptiva, o clinico Francisco de Moura, pae do nosso presado amigo e tambem distinto medico em Eixo, sr. dr. Eduardo Moura.

Dotado de excelentes qualidades de caracter e aliando a uma irrepreensivel conduta faculdades de inteligencia que o poséram em destaque nos aureos tempos da sua juventude, o dr. Moura, como vulgarmente era conhecido, foi o prototipo da bondade, a alma sempre aberta a todas as dôres, o amigo desvelado dos pobres que êle socorria de todas as maneiras quer prestando-lhes serviços gratuitos, quer deixando muitas vezes, á cabeceira dos doentes, o suficiente, em dinheiro, para comprarem o que a falta de recursos lhes não permitia que conseguissem.

Medico municipal, aposentado, do concelho de Ilhavo, vários outros cargos ainda desempenhou de representação, sendo os ultimos aquêles em que os republicanos de Aveiro o investiram a quando da reorganisação do partido e sua subsequente adesão. Néssa época vivia o dr. Moura nésta cidade, onde nasceu, lembrando-nos—com que saudade!—que a êle e ao irmão, o farmaceutico Francisco Antonio de Moura, antigo combatente da Republica, tambem já falecido, ouvimos nós, vezes sem conta, palavras de intensa paixão patriotica e que em nossos ouvidos ecoavam como o som vibrante do clarim no campo da batalha ao dar o sinal de unir... Ha quantos anos isto vai! Hoje é morto Francisco Antonio de Moura e o irmão, o dr. Moura, que êle tanto estimava, de quem era tão amigo, lá partiu a fazer-lhe companhia vergado ao peso dos anos, mas feliz por nada lhe ter faltado até ao momento de dizer adeus ao mundo.

Que descance em paz. E a todos quantos o pranteiam, especialmente a seus filhos e destes destacando ainda o nosso bom amigo dr. Eduardo Moura, aqui deixa o *Democrata* a expressão das suas condolencias nos dias que atravessam de tanta amargura.

* * *

D. ISOLINA DE SÁ COUTO

Em Oliveira de Azemeis deixou egualmente de existir a sr.ª D. Isolina da Costa Pereira de Sá Couto, virtuosa esposa do considerado causidico sr. dr. Sá Couto a quem a perda da sua idolatrada companheira traz imerso na mais profunda dôr.

Senhora cheia de sentimentos nobres mercê duma esmerada educação trazida da casa paterna, a sr.ª D. Isolina de Sá Couto distinguia-se ainda pelos primores do seu coração de mãe, distribuindo pelas tres encantadoras creancinhas, que deixa orfãs, carinhos sem conta, afagos e caricias como só uma bôa alma os sabe repartir. Contava apenas 33 anos de edade e o seu passamento, posto que esperado, é justamente sentido pelos oliveirenses, que pranteiam o infortunio da sua ilustre conterranea.

O director deste jornal logo que têve conhecimento do infausto sucésso apressou-se a enviar ao seu intimo amigo, dr. Sá Couto, um telegrama de pêsames o que não evita de aqui os renovarmos hoje ao noticiar a triste ocorrencia que o cobriu de luto.

Medonha catastrofe

Como muitos dos nossos leitores já devem ter conhecimento pelos jornaes diários, que a promenorisou devidamente, deu-se no dia 10, em Lisboa, uma terrivel explosão na fabrica do Gaz, seguida de incendio, que além de fazer um consideravel numero de vitimas deixou feridas bastantes pessoas entre empregados e transeuntes visto a fabrica ficar situada num dos pontos mais concorridos e centraes da capital.

O sr. Presidente da Republica visitou na terça-feira, no hospital, alguns dos molestados a quem dirigiu palavras de resignação e conforto, empregando-se agora a imprensa em reclamar a mudança da fabrica para outro local onde fique isolada, como convem á segurança publica.

Caixa do correio

Foi recentemente creada uma caixa para recebimento e expedição de correspondencia postal em Vilar, suburbios désta cidade, a qual começará a funcionar no proximo dia 20, tendo por encarregado o sr. João Duarte dos Santos Gamélas.

O povo daquele logar vê assim satisfeito o que constitue uma aspiração de muitos anos e isso nos leva a agradecer ao digno director dos correios, sr. Aristides Lobo, os esforços empregados em beneficio dos habitantes de Vilar, que sempre nos encontraram a seu lado e encontrarão quando se trate de reclamações justas como esta.

O SAL

Corre agora no mercado ao preço de 55$00 o vagon.

Anvers

em poder dos alemães

Ao cabo de encarniçada lucta em renhidos combates, terrivelmente sangrentos, foi, por fim, tomada pelos alemães a cidade de Anvers cujo porto passa por ser um dos de maior movimento comercial da Europa.

A noticia, espalhada por toda a parte, produziu, como era natural, a mais viva impressão, aumentando ainda mais a antipatía de que nêste momento são alvo os alemães, antipatía tanto mais justificada quanto é cérto estarmos em presença dum povo sem sentimentos como o testemunham as recentes destruições da bibliotéca e da Universidade de Louvain e da Catedral de Reims, que em todo o mundo culto geraram os veementes protestos de que a imprensa se tem feito éco.

Os pormenores da tomada de Anvers são o que ha de mais horroroso. Antes da ocupação, como ardessem bairros inteiros e perigassem, portanto, o Asilo dos Orfãos e o Hospital Civil, foi ordenada a imediata evacuação desses edificios, que horas depois eram pasto das chamas. Os asilados e os enfermos procuraram refugio em territorio alemão.

Na emprêsa de conquista tomaram parte para cima de 200 canhões alemães de 28 e 30, além de outras peças com o alcance de 14 quilometros.

O bombardeamento, que deixou a praça forte em ruinas, sendo incalculaveis as perdas militares, começou no dia 7, pelas 9 horas, durando, inicialmente, apenas uma hora e reavivando-se por volta da meia noite com extraordinaria violencia.

Os ministros da França, da Inglaterra e da Russia abandonaram a cidade logo a seguir ao govêrno, sucedendo-se depois os comboios de fugitivos a ponto dos invasores terem encontrado a cidade quasi deserta.

Os inglêses fizéram saltar 52 vapores da marinha mercante alemã e cêrca de 20 barcos de carga da mesma nacianalidade que se encontravam refugiados no porto

Não sofreram com o bombardeamento só os bairros e ruas de que atraz falamos. A catedral, que é tambem uma obra de arte de primeira grandêsa, se não está toda por terra a esta hora pouco lhe faltará talvez.

Todos os sobreviventes da medonha carnificina relatam esplendidos actos de heroismo cometidos na defêsa da cidade belga, que se manteve até que a artilharia alemã conseguiu abrir larga brecha nos fortes.

Quando os comandantes de vários desses fortes se convenceram da impossibilidade da resistencia não só fizéram soltar os seus redutos como mandaram pegar fogo aos paioes da polvora, pondo assim um termo á acção admiravel dos belgas, que, com uma coragem assombrosa, teem dado exuberantes provas dum grande valor e acendrado patriotismo.

E' que a Belgica possue um rei que é o primeiro a dar o exemplo acorrendo a combater ao lado do seu povo e pela sua Patria

Viva, viva a Belgica!

"BEIRA-MAR„

E' este o titulo dum livro de contos que nos foi oferecido pelo sr. Renato Franco, seu autor. Volume de 132 paginas, nélas se encontram espalhados vários episodios da vida de Aveiro, que o tornam interessante, imprimindo-lhe um sabor regional muito apreciavel e elucidativo.

Agradecemos.

CONTRIBUIÇÕES

Reuniu no dia 14 em Lisboa grande numero de pequenos comerciantes e industriaes, atrazados em pagamentos de contribuições, afim de apreciarem a situação em que se encontram, visto alguns já terem sido intimados para o relaxe.

A assembleia resolveu que a mesa procurasse o presidente do ministério, lhe propozesse a situação da classe e pedisse que a prorogação do praso para pagamento daquéla contribuição vá até ao fim do corrente ano. Não tendo sido possivel falar com o sr. Bernardino Machado, ficou no entanto resolvido com o seu secretário que antes do dia 20 do corrente não se façam relaxes, sendo possivel que a questão tenha de ser levada ao parlamento por causa do artigo 117 do codigo de execuções fiscaes.

Comunicados

—=*=—

Amigo Arnaldo

Como sabe, desde que começou a publicar-se o *Democrata*, tenho sido seu assinante não só por espirito de camaradagem, mas muito principalmente por vêr nêssa palavra que lhe serve de titulo, o emblema da Liberdade no bem, da Verdade e da Justiça social.

Infelizmente o *Democrata* não tem correspondido a esse significado e eu, modesto observador, com magua, vou assistindo á falta de harmonia entre teorias e acções que um republicanismo sectarista tem desviado do seu verdadeiro caminho.

Não seria eu, decérto, tão falto de competencia que viria pedir ao *Democrata* a publicação dos meus escritos, em guerra aberta com uma aristocracia jesuita mascarada de cristã, se não precisasse defender-me duma perseguição surda, feroz e diplomatica, que, apenas se deixa conhecer num suave desprezo.

A ocasião não é azada. Mas na minha qualidade de estudante anarquista (porque estudo a economia cristã), combatendo a anarquia social, tenho a obrigação, imposta pelo dever, de defender-me publicamente, atacando o individualismo nos seus costumes e leis, nos seus meios de exploração, e em tudo mais que possa elucidar os camaradas, que espreitam a minha inacção, ignorancia ou falta de habilidade.

Não. Sempre tenho trabalhado o possivel dentro dos limites das minhas forças e como já me habituei a não contar com o dia de ámanhã vou provar que nem ando feito com a burguezia, nem temo atacal-a no que ela possue de feróz nos seus modos de vida ou na imbecilidade e cinismo da sua religiosidade bem calva.

Será satisfeito o meu desejo? Assim o espero.

Seu amigo, etc.,

Ilhavo, 10—1914.

Marcos Ferreira Pinto

N. da R.—Posto que este jornal, na opinião do sr. Marcos Ferreira Pinto, não tenha correspondido ao significado do nome que tomou para titulo, duvida alguma temos em satisfazer o desejo que o mesmo sr. Marcos manifesta de nêle colaborar. E assim lhe prevâmos que o lêma da Liberdade é aqui respeitado como respeitada foi sempre a Verdade e a Justiça social por virtude das quaes sabe muito bem o sr. Marcos quanto nos temos sacrificado, indo até onde muito poucos, nas nossas circunstancias, se não abalançariam, apezar da grande soma de recursos que possuem de toda a especie.

Entende-nos?

ATRAVÈS DE AFRICA

—=(*)=—

Réplica a um sábio

Um *ilustre jornalista* cá da terra,—porque aqui tambem os ha—querendo que as cinco partes do mundo soubéssem que a *Naturêsa* o tinha dotado com o dom da critica, pouco vulgar, lembrou-se, ha tempo, de fazer prosa a respeito de um dos nossos humildes artigos, publicados no *Progresso de Alquerubim*.

Tendo recebido já, o *ilustre critico*, por intermedio do mesmo *Progresso de Alquerubim*, a nossa resposta, aliaz incompleta, pois quizémos, propositadamente, deixar, para outra vez, parte da *poção*, não fôsse o *ilustrado jornalista* morrer *intoxicado*—o que seria *uma enorme perda para a sciencia*—e como passou já tempo, mais que suficiente, para *ter digerido a tisana*, cá estamos novamente a ministrar-lhe mais um poucochinho da *dróga* que, não sendo *emoliente* de grande eficacia, é, no entanto, *mésinha caseira* que estamos certos ha-de fazer bons efeitos.

Depois de lhe termos *aplicado* um pouco do conteúdo da nossa *farmacopeia*, passaremos a responder ás suas acusações, aplicando-lhe a seguir um pouco de *tintura visicante* que lhe deve fazer bem ao *pulmão*, que, pelo visto, parece *estar afetado*.

—Coragem, meu *cáro cliente!*

Isto *é sem dôr*; mas se não puder suportar, diga-o; aliviar-se-lhe-ha um pouquinho; mas tenha em vista que o *que arde cura!...*

* * *

Na sua *critica* ao meu *Divagando*, não resistiu o articulista *imerito* em fazer historia,—como já tivémos a *amabilidade* de lhe dizer—e sai-se lá com esta:

A quarta dinastia é a mais célebre do antigo imperio pelas construçõee de piramides...

. . . .

... Só Mykerinos foi depositado na sua piramide, onde a mumia se encontrou.

E levanta-se um padeiro á meia noite!!...

Então o *articulista historiador* tem a coragem de assinar, com pseudonimo seu, chamando obra sua ao que, na realidade, é de outro?!...

Tenha vergonha; isso não é de homens sérios; é um crime de lesa-propriedade; tenha por principio que tudo que outrem escreve é propriedade alheia, como *alheia* é para os outros *a sua propriedade*, enoltecida pelo *Vila-Realense!*

O *Compendio para a Historia Antiga*, do professor Marques Mano, publicado em 1907, na sua pagina 16, diz a mesma, exatamente coisa, sem mesmo lhe ter alterado as virgulas; e o restante que escreveu, quem me diz que não têve paternidade parecida? Sempre ouvi dizer: *Cesteiro que faz um cesto, faz... úm cento!*

Ora a sua prósa *historica* é de 1913, e, por isso, não poderá dizer **que foi o professor** dr. Marques Mano **que copiou o seu artigo!**

Chega, ou quer mais?!...

Já deve ter amargos de bôca, e um bom clinico dá a *tisana* em dóses e em espaços regulados...

* * *

Adiante!

Sabemos, por terceiros, que o *Vila-Realense* está em exposição em casa do sr. Simões Coelho, porque esse semanário encerra, nas suas *calunias*, digo, colunas, um artigo devido á pena do *ilustre articulista*, no qual parece dizer da minha humilde pessoa o que *Mafôma* não disse do toucinho.

Nós não vimos o artigo e por isso lhe não podemos responder cabalmente, como é nosso desejo; mas, se por ventura esse *pasquim* nos chegar ás mãos, prometemos seguir a conduta que ele nos sugerir, devolvendo-lhe as injurias nêle contidas; atira-lo-hemos para a *estrumeira*, como se faz áquilo que, depois de ter passado pelo intestino, se envia á terra para lhe servir de adubo.

Mas, entretanto, que isso chega, vamos nós dizer alguma cousa sobre o suposto conteudo do seu artigo.

Parece que no tal artigo se apontam *factos* de que o *célebre articulista* diz ter documentos.

Mas porque não apresenta o *ilustrado jornalista* esses documentos em Juizo e se não constitue parte a um procésso crime?

Teria, assim, cumprido o seu dever de *creatura humanitaria*, tomando a parte dos fracos e oprimidos!...

Documentos!...

Nós sabemos, já que o articulista fala em *documentos*, o que isso vale e tambem como os obteve, se na realidade tem algum papelucho a que dá o pomposo nome de *documentos*.

Quando o *Progresso* lhe apareceu com a nossa resposta, o articulista correu *Séca* e *Méca* a vêr se encontrava quem o ajudasse na sua *ardua* tarefa! Sabendo que o sr. José Caetano dõ Vale ha tres anos se não dá comnosco, corre a casa do sr. Vale, fazendo-se acompanhar pelo seu *coléga* Ferrão, a pedir-lhe que o ajudasse a dar-me uma resposta de *estrondo!*

O sr. Vale respondeu-lhe que nada tinha com isso, e que melhor teria sido que o *articulista* nunca nos tivésse provocado.

Respondeu-lhe muito bem o sr. Vale.

O *articulista* lança então mão de todos os meios—os mais vergonhosos e criminosos—para nos ferir. Se não vejamos:

Nós tinhamos ao nosso serviço um garoto que a todo o momento nos tirava coisas, pelo que lhe aplicavamos, amiudadas vezes o nosso puchão de orelhas.

Esse garoto fugiu-nos, um dia, e foi para casa dum *cavalheiro* que—já uma vez o dissémos—*por estupido crásso e por não ser justo em sua consciencia, sente coutra nós uma certa animosidade a que não ligamos importaucia.*

Foi, pois, esse garoto que contra nós sentia algum rancôr pelas tareias que lhe démos que, **levado** pelas vossas *ilustres* pessoas, disse tudo que *V. Ex.as quizéram* que ele dissésse e *lhe ensinaram a dizer!* E naturalmente, o cavalheiro em casa de quem o garoto estava, fez um relatorio e lho forneceu, não se lembrando de que de tal assumia a responsabilidade, porque o referido preto póde já não se lembrar bem do *repórtorio* que lhe ensinaram, e *virar-se o feitiço!...*

Mas esse cavalheiro pouco se importa, porque é homem para tudo; sabe, além disso, que nós lhe não ligamos importancia e, por isso, o não chamamos á responsabilidade, a não ser que a isso sejamos forçados.

Basta que saiba que o consideramos tão baixo e o julgamos capaz de, por um copo de vinho, fazer, um inocente, acabar no degredo!

Conhecemol-o, portanto, muito bem e o que vale; já tivémos disso uma prova, pois já se **ofereceu** para ir depôr contra nós num, suposto procésso; agora é já a segunda vez!...

* * *

Vamos, agora, mais uma vez, aplicar-lhe o *visicatorio*, a vêr se ainda se lhe poderá aproveitar alguma cousa do *pulmão*, que féde já que tresanda.

Não me fará o favor de dizer, mas com lealdade—*se, por lá por casa, tem disso*—e sem subterfugios, o que fez do espolio dum rapaz que lhe morreu em casa e que em vida foi seu empregado? Não me dirá o que foi feito de uma cama que pertencia ao mesmo, que o articulista vendeu a um seu empregado, de nome *Gutierres*, por 13$00 escudos?!...

Não se lembra que o pobre finado—*Paes da Silva*—decérto hade ter familia, e, naturalmente, pobre, que, além de ficar sem o ente querido que estimava, ainda fica sem o pouco que o finado deixou?

Não se lembra que o desvio de um

espólio é um crime punivel pelo Codigo Penal ?...

Olhe, *cáro articulista*, teria sido melhor não me ter provocado, porque me obriga a lançar mão de meios que me repugnam, porque não aspiro ao vil papel de denunciante; por isso ponho ponto, dizendo em conclusão ao articulista que tambem tenho em meu poder documentos que provam o que avanso; mas estes não são a interpretação dos dizeres de um negro, a quem muitas vezes castiguei, mas sim documentos autenticos, assinados por brancos, testemunhas oculares dos factos.

Ao seu inteiro dispôr.

Sambo, 19—3—914

José H. de Castro

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados :

OUTUBRO

DIAS	PHARMACIAS
18	ALLA
25	BRITO

CORRESPONDENCIAS

Rio Grande do Sul, 19 de setembro

Continua a sentir-se cada vez mais nesta cidade o aumento do preço nos generos de primeira necessidade e, por tal motivo, lutam com bastantes dificuldades as classes pobres. No sentido de pôr côbro a esta especulação, da parte do comercio, tem a Intendencia tomado medidas rigorosas mas... a especulação continua. Efeitos da guerra, não ha que vêr. Emquanto na velha Europa se batem a ferro e a fogo, no Brazil, á custa dessa carnificina, os exploradores do povo engordam.

= Desde o principio do mez corrente que esta cidade tem sido teatro de medonhas trovoadas, e grandes dias de chuvas, os quaes têm causado tremendas enchentes como não ha memorio no Rio Grande.

Os prejuizos sofridos na cidade e, sôbre tudo, na Ilha dos Marinheiros, são avultadissimos, vendo os chacreiros todo o seu trabalho perdido pois, parte das chácaras se encontram cobertos de agua.

Se não é para lastimar tanto esforço dispendido para agora se verem encostados pelas esquinas esses centenares de trabalhadores que se vêem despedidos de seus amos! Em Porto Alegre, segundo telegramas, trezentas casas se encontram debaixo de agua. E' realmente triste a crise que o Rio Grande atravéssa.

= Não foi nada prospero, para os riograndenses, o mez que findou. Em cima de tantas calamidades: vida cara, falta de trabalho, enchentes etc., vem agora visitar-nos a terrivel variola. No Lazareto já se encontram muitas pessoas atacadas deste mal tendo-se dado já alguns casos fataes. O govêrno está tomando urgentes medidas profilaticas.

= Foi aqui muito festivo o dia 7 de Setembro—92.º aniversário da Independencia do Brazil—associando-se aos festejos as nossas sociedades.

= Nesta cidade, onde o povo bastante se interessa pela guerra europeia, são lidos com toda a atenção os telegramas que os jornaes afixam nos seus *placards*, em frente aos quaes enorme multidão todos os dias se junta.

= O povo riograndense está com os olhos fitos na energica atitude do imperador da Alemanha, o 2.º Napoleão como aqui lhe chamam. Ganha? Perde? O tempo no-lo dirá.

Guilherme Francisco Luizo

CÃO PERDIGUEIRO

DURANTE uma caçada no campo de S. João de Loure (Aveiro), desapareceu um, branco, com malhas amarelas. Traz coleira, aonde se lê: Artur Monteiro—Valadares—Gaia.

Póde servir-se désta direcção quem quizér indicar o seu paradeiro, que se gratificará, assim como se procede contra quem o retivér.